

# AS ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ E A ORGANIZAÇÃO TÓPICA EM ENTREVISTAS IMPRESSAS

*Maria da Penha Pereira Lins* (UFES)

[penhalins@terra.com.br](mailto:penhalins@terra.com.br)

*Natalia Muniz Marchezi* (UFES)

[natalia\\_marchezi@hotmail.com](mailto:natalia_marchezi@hotmail.com)

## ***1. Introdução***

A linguística textual, definida como a ciência que estuda a estrutura e o funcionamento dos textos, desenvolveu-se na Europa (Alemanha) na década de 60. Através dela questões, até então inexplicáveis por meio de gramáticas de enunciado, passaram a ser esclarecidas, já que a linguística textual tem como objeto de estudo o texto. Não o texto como uma soma de enunciados, e sim como uma construção em que a produção e compreensão provêm da competência textual específica de cada falante.

Na sua fase inicial, a linguística de texto teve por preocupação básica o estudo das relações interfrásticas que são parte do sistema gramatical da língua. Desse modo, explicava-se a pronominalização, a ordem das palavras, as escolhas lexicais, a seleção do artigo, a concordância dos tempos verbais, as relações entre enunciados, enfim, estudava-se o texto a partir de uma abordagem morfossintática.

Posteriormente, a linguística textual começou a sofrer influência dos estudos semânticos e fenômenos, como as relações semânticas entre enunciados e as pressuposições, que passaram a ser observados.

Não tardou, porém, para que os linguistas de texto sentissem a necessidade de ir além da abordagem sintático-semântica, visto que o texto é “a unidade básica de comunicação/interação humana” (KÖCH, 2006, p. 13). Como na pragmática os enunciados são estudados a partir da relação entre contexto e falante, haja vista que uma mesma frase pode apresentar sentidos completamente diferentes de acordo com a mudança de contexto, pois são os falantes que comunicam e não apenas as mensagens por si só, adotou-se essa perspectiva co-

mo ponto de partida para o estudo do texto considerando o seu contexto comunicativo-situacional.

Com isso, segundo Koch (2006)

A pesquisa em Linguística Textual ganha uma nova dimensão: já não se trata de pesquisar a língua como sistema autônomo, mas sim o seu funcionamento nos processos comunicativos de uma sociedade concreta. Passam a interessar os textos em funções. (p. 14)

Isto é, as construções textuais são concebidas, não mais como produtos acabados, mas considerando os elementos constitutivos e as intenções comunicativas e sociais do falante.

Depois da abordagem pragmática, a cognição e a teoria socio-interacional, também influenciaram os estudos de texto. Em consequência disso, aspectos como a dêixis textual, a intertextualidade, os gêneros e o tópico discursivo passaram a fazer parte dos estudos da linguagem e serem explicados, também, pela linguística textual.

Associando a teoria pragmática da polidez, elaborada por Brown e Levinson, em 1987, a partir da noção de imagem pública de Goffman (1980) à noção de tópico discursivo, de Koch (2002) e Lins (2008), são analisados, neste artigo, fragmentos de uma entrevista, publicada no jornal *A Gazeta*, da cidade de Vitória, em que é entrevistado o prefeito da cidade, João Coser. Neles é observado o jogo de interação entre entrevistador e entrevistado, os momentos em que um ameaça a face do outro e as estratégias de polidez de que fazem uso para preservar sua imagem, verificando se tais estratégias influenciam a organização tópica do gênero em questão.

## 2. *A noção de face*

Goffman (1985) foi um grande estudioso da interação social e, em seus estudos fazia sempre comparações com o ambiente teatral. Segundo ele, todos os indivíduos são atores, que atuam para viver em sociedade. Dessa maneira, em todo e qualquer encontro social, cada pessoa tem um comportamento específico para aquela situação e tende a por em ação sua linha de conduta. Essa linha de conduta caracteriza-se por atos pelos quais o falante expressa sua visão da situação. “É através dessa visão que nos percebemos e somos percebidos, e é esse modo de percepção que levamos em consideração ao

interagirmos com os outros em um contexto dinâmico” (TAVARES, 2007, p. 28). Em cada contexto, os participantes representam seus papéis e estão, constantemente, envolvidos no processo de construção de suas imagens (faces).

Goffman (1980) afirma que todo indivíduo possui uma face, que é definida por ele como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico.” (p. 77). Sendo assim, para manter as relações sociais entre os interlocutores é importante ser amigável, cortês, discreto, solidário, educado, já que todos os indivíduos, em qualquer situação comunicativa, tem a necessidade de manter o valor positivo de sua face.

Vale ressaltar que a face não se restringe ao interior ou à superfície do corpo de uma pessoa, mas é algo que se localiza nos eventos que acontecem em um encontro e é manifestada somente quando estes eventos são interpretados. Desse modo, é impossível ter total controle da própria face, já que não se consegue controlar a interpretação que o outro fará do que é dito. Pode-se afirmar, portanto, que a face é algo que está fora do controle do indivíduo, pois ela é, efetivamente, construída no outro.

### **3. A noção de face de Brown e Levinson**

A partir do conceito de face de Goffman (1980), Brown e Levinson (1987) propõem uma dualidade para a noção de face, diferenciando face positiva e face negativa. A *face positiva* está relacionada à necessidade de aceitação do indivíduo, o desejo de ser aprovado, aceito, apreciado pelos parceiros da atividade comunicativa. Já a *face negativa* diz respeito ao desejo de autoafirmação, de não sofrer imposições e de ter liberdade de ação, estando assim relacionada à reserva de território pessoal e à necessidade de ser independente.

Desse modo, os indivíduos não possuem somente uma face. Esta poderá constituir-se como positiva ou negativa e o que irá estabelecer essa diferença é o desejo do indivíduo de ser aceito, alcançar uma meta planejada, ou ainda, obter um prestígio social. Podemos afirmar, então, que a elaboração da face em positiva ou negativa acontece com um objetivo específico do indivíduo, que almeja ser a-

gradável aos outros, ser aceito ou que almeja agir livremente, ser independente e não sofrer imposições.

A face positiva é elaborada quando a interação ocorre com indivíduos pelos quais se quer bem e se dedica respeito e, ainda, para aqueles que, mesmo sem serem participantes do convívio direto, merecem atenção em decorrência dos objetivos que se objetiva realizar. A sociedade exige constantemente a apresentação de uma face positiva, já que existe uma valorização da imagem cada vez maior e o constante desejo de construção de boas relações. Os indivíduos estão se expondo cada vez mais e a manutenção de suas faces deve se dá por meio da constituição de uma face positiva no momento da interação social, visto que a apresentação de uma face negativa comprometeria o bom desempenho da interação.

A face negativa, ao contrário da positiva é a face que o indivíduo não quer expor, para que sua imagem não seja distorcida. Essa face representa a revelação da intimidade do indivíduo despreocupado com a representação de um papel. Isso, geralmente, acontece em ambientes familiares, no qual existe um conhecimento partilhado e as relações acontecem mais naturalmente. Porém, existem casos em que a exposição da face negativa acontece em ambientes menos íntimos, o que prejudica a interação, já que para consolidar e manter a harmonia da interação é preciso evitar esse tipo de face.

Diante disso, percebe-se que a regra do bom convívio social é revelar a face positiva e ocultar a face negativa. Porém, isso nem sempre ocorre, e quando a face negativa aparece, em geral, é porque o indivíduo se sentiu ameaçado de alguma forma. Nessa perspectiva, o aparecimento da face negativa pode ser uma estratégia de atenuar uma ameaça à face.

Em resumo, para Brown e Levinson (1987), face é algo em que há investimento emocional e que pode ser perdida, mantida ou intensificada e tem que ser constantemente cuidada numa interação. Desse modo, sempre há uma construção que exige medidas para a manutenção, preservação e salvação da face que foi construída.

#### 4. *A teoria da polidez*

É sabido que o ser humano é um ser que vive em grupo e que quando rompe, por alguma razão, as relações com os outros membros do grupo, pode ficar mal visto pela comunidade em que vive. Fato que pode atrapalhar sua relação com os outros indivíduos. É por isso, que nas interações linguísticas, a maneira como se dá a relação entre os interlocutores é mais importante do que a informação estrita dos fatos. Para fundamentar essa ideia, tem-se, baseada nos estudos de Goffman (1980), acerca da noção de face, a teoria da polidez, elaborada em 1987, por Brown e Levinson.

É muito comum tratar cortesia como sinônimo de polidez. Ser polido, geralmente, é o mesmo que ser cortês. Porém, na pragmática linguística, a cortesia ou polidez, diz respeito, não àquela “cortesia” no sentido cotidiano, mas na eficácia das relações interpessoais através da linguagem. Diante disso, polidez pode ser definida como o esforço empreendido para mostrar preocupação com a face do outro. Estando assim, relacionada com a distância e a proximidade, que, por sua vez, estão intimamente vinculadas ao poder e à solidariedade. Em resumo, ser polido significa respeitar o outro, estando sempre atento a todos esses fatores (distância, proximidade, grau de amizade, poder) que antecedem o ato comunicativo (o que de fato vamos comunicar) e que influenciam não só o que é dito pelo falante, mas também em como ele interpreta e é interpretado. Ou seja, muito mais do que se diz é comunicado.

Para Brown e Levinson (1987), a polidez é um dos elementos essenciais da vida social humana e, portanto, uma condição necessária para uma cooperação linguística eficaz. Desse modo, é sem dúvida, instrumento de construção, manutenção e preservação de face.

#### 5. *A preservação e ameaça às faces*

Por ser uma atividade puramente interacional, uma conversa exige a relação dentre, no mínimo, duas pessoas. Goffman (1980), que se dedicou aos estudos interacionais, afirma que, além de construir e manter sua face (*orientação defensiva*), todo indivíduo deve respeitar e não ameaçar a face do outro (*orientação protetora*). E, de acordo com Tavares (2007, p. 29),

Poder e prestígio são fatores determinantes nesses casos, pois normalmente tem-se maior consideração por aqueles que são mais poderosos, e, marcando a bilateralidade do processo, o mais poderoso pode ser também o mais ameaçador.

É importante salientar que existirão práticas exclusivamente protetoras e práticas exclusivamente defensivas, ainda que, em geral, as duas tendam a coexistir, pois ao tentar salvar a face do outro é preciso estar atento para não perder a própria face e vice-versa.

Goffman (1980), em seus estudos, distinguiu dois tipos básicos de elaboração de face: o processo de *evitação*, que consiste em evitar situações ameaçadoras e o processo *corretivo*, que consiste em corrigir tais situações. No primeiro processo, os participantes evitam tópicos que ameacem suas faces ou as dos outros participantes e podem até mudar de assunto caso percebam o conflito gerado. No processo corretivo, a ameaça acontece e os participantes, para mitigá-la, realizam quatro movimentos clássicos: o *desafio*, em que os outros participantes chamam a atenção do falante para a conduta desviada; a *oferenda*, através da qual se dá ao falante a chance de corrigir a ofensa e restabelecer o equilíbrio da interação. Em seguida, há a *aceitação*, na qual as pessoas aceitam a oferta de correção e, por fim, existe o *agradecimento* àqueles que lhe perdoaram.

Além das práticas defensivas e protetoras, também é necessário que os participantes de uma interação tenham tato, o que contribui na manutenção do processo interacional. O falante deve ser sensível às insinuações e estar disposto a aceitá-las, objetivando salvar e manter o equilíbrio da conversação.

É claro que os participantes, nem sempre fazem uso desses atributos, o que, evidentemente, prejudica a interação e contribui para que aconteçam novos atos que ameacem a sua face e a dos outros participantes. Marcuschi (1989, *apud* TAVARES, 2007, p. 284) apresenta um resumo de atos que ameaçam as faces:

1. *atos que ameaçam a face positiva do ouvinte*: desaprovação, insultos, acusações;
2. *atos que ameaçam a face negativa do ouvinte*: pedidos, ordens, elogios;
3. *atos que ameaçam a face positiva do falante*: auto-humilhação, autoconfissões;

4. *atos que ameaçam a face negativa do falante*: agradecimentos, escusas, aceitação de ofertas.

Para Brown e Levinson (1987), em um contexto interacional de mútua vulnerabilidade, qualquer participante tentará evitar esses atos de ameaça ou contornar a situação, através de estratégias de negociação da imagem, minimizando suas ameaças, caso as tenha cometido e salvando suas faces, caso tenha sofrido algum tipo de ameaça.

Segundo eles, o individuo pode cometer ou não uma ameaça. Quando o ato ameaçador acontece, este pode ocorrer de duas maneiras distintas: aberta ou fechada. No ato aberto, o individuo tem a intenção de cometer a ameaça, que pode acontecer com atenuantes ou sem atenuantes. Um ato sem atenuantes é uma ameaça da forma mais direta, clara e concisa possível. Nesse tipo de ato o falante não teme a reação do ouvinte.

Já um ato com atenuantes é aquele em que o falante demonstra que a ameaça não tem a intenção de prejudicar o ouvinte. O falante pode demonstrar isso através da *polidez positiva* ou da *polidez negativa*.

Nas estratégias de polidez positiva, o falante demonstra respeito e admiração pelo ouvinte. Já nas estratégias de polidez negativa, o falante evita ultrapassar os limites e respeita o território do ouvinte. De acordo com Tavares (2007) as estratégias de polidez negativa “são o coração do comportamento respeitoso de um indivíduo, assim como as estratégias de polidez positiva são o coração do comportamento familiar e brincalhão.” (p. 36)

As estratégias fechadas ou *polidez indireta*, o falante quer realizar uma ameaça, mas deseja não se comprometer. Para isso, realiza um ato comunicativo de forma que não seja possível atribuir uma clara intenção para o ato. O falante age de forma indireta e deixa que o ouvinte interprete à sua maneira.

Vale ressaltar que a escolha de apenas uma dentre as cinco estratégias disponíveis não é feita de maneira aleatória. Segundo Tavares (2007, p. 38) “existem dois fatores básicos que influenciam a escolha de determinada estratégia de polidez: as vantagens que cada

estratégia oferece e as circunstâncias sociais nas quais as estratégias são escolhidas.”

É importante frisar que a vontade de cometer um ato ameaçador é inversamente proporcional ao risco de se perder a imagem. Quanto maior o risco de perda da imagem, menor a vontade de se cometer um ato ameaçador.

## **6. A noção de tópico discursivo**

Teoricamente, tópico pode ser representado como uma estrutura organizada que opera tanto no interior quanto fora das fronteiras das sentenças. E não é definido e identificado como uma unidade a priori, mas como resultado de marcação de fronteiras. A categoria de tópico é tomada no sentido geral de “ser acerca de” (aboutness) e se manifesta mediante enunciados formulados pelos interlocutores, a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concorrentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem.

Dentro dessas suposições sobre manifestações verbais, e conforme Koch et al (1992), são duas as propriedades definidoras da categoria tópico: a de centração e a de organicidade. A propriedade da centração abrange três traços: concernência, relevância e pontualização. A de organização compreende as relações de interdependência estabelecidas simultaneamente nos planos hierárquico e sequencial, englobando dependências de superordenação e subordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto e pelas articulações intertópicas relativas a adjacências ou interposições na linha discursiva. Isso significa que um mesmo tópico discursivo pode ser mantido em fragmentos de uma conversação, mesmo que haja mudanças nos tópicos dos enunciados sentenciais; o que vai importar é a ligação com a mesma estrutura de relevância tópica.

Não é sempre que o início e o fim de um subtópico são assinalados explicitamente. Às vezes, só se podem detectar as mudanças a partir da identificação de nova centração, que, muitas vezes, é percebida por uma substituição do conjunto de referentes. Para Brown e Yule (1983), a extensão de um tópico está relacionada à manutenção do tema e da relevância. Mentis (1988) afirma que a mudança se dá



quando o tópico sob discussão termina e o conteúdo da sequência seguinte não se deriva da sequência tópica imediatamente precedente, o que chamado de “movimento de fronteiras tópicas”.

A mudança de tópico é marcada por mecanismos linguísticos ou aleatoriamente, sem o uso de enunciado sinalizador, de modo incoerente, sem o estabelecimento de fronteira tópica. Para Maynard (1980, p. 271) a substituição de tópico é vista sob outra perspectiva: a mudança envolve um movimento de um aspecto de um tópico para outro, com vistas a gerar um conjunto diferente de referentes.

Numa conversação espontânea a coerência se mostra na medida em que a relação semântica entre enunciados fica evidenciada, conferindo continuidade tópica. Entretanto, podem ocorrer rupturas no desenrolar da conversação, o que não significa que haja incoerência, porque, numa visão global, essas rupturas podem ser vistas como descontinuidades.

No caso de entrevistas, a descontinuidade tópica pode ocorrer quando o locutor tem a intenção de preservar a face. Assim, mudando de tópico, pode levar a conversação para um “caminho” que o livre de constrangimentos sociais.

## **7. O gênero entrevista**

Os gêneros textuais estão presentes assiduamente na vida em sociedade, já que toda e qualquer atividade discursiva se dá em algum gênero. Ainda assim, existe certa confusão na hora de conceituá-los. O termo gênero textual refere-se aos textos materializados encontrados em nosso cotidiano, apresentam características socio-comunicativas definidas por seu estilo, função, conteúdo, canal e composição. Segundo Marcuschi (2008, p. 155) “os gêneros são formas textuais escritas ou orais, bastante estáveis, histórica e socialmente situadas”.

Marcuschi (2008) aborda, também, a questão do domínio discursivo, que constituem práticas discursivas dentro das quais é possível a identificação de um conjunto de gêneros que às vezes lhes são próprios como práticas comunicativas institucionalizadas. Para exemplificar, Marcuschi (2008) cita discurso jurídico, discurso jorna-

lístico e discurso religioso. Cada uma dessas atividades, não abrange gêneros em particular, mas origina vários deles.

O gênero do discurso não pode ser tratado independente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas. Ele deve ser concebido como forma cultural e cognitiva de ação social. Os gêneros têm que ser vistos como entidades dinâmicas. Uma construção textual classificada em determinado gênero pode apresentar uma grande variedade de domínios discursivos.

Partindo desse conceito pode-se considerar a entrevista como um gênero que pode ser realizado através de diversos domínios discursivos. Assim, temos a entrevista jornalística, a entrevista científica, que tem em comum uma forma característica, que se apresenta numa estrutura marcada por perguntas e respostas.

Dessa forma, pode-se afirmar que o modelo da entrevista é composto por, pelo menos, dois indivíduos, cada um com um papel específico: o entrevistador, que é responsável pelas perguntas e o entrevistado, que é responsável pelas respostas. Sendo assim, a entrevista representa, sem dúvida, uma atividade conversacional, constituindo, assim, numa interação.

Como em toda interação há o desejo de construir perante os outros uma imagem favorável de si próprio, as entrevistas constituem-se em um espaço de confronto, já que é impossível controlar a imagem que um participante faz do outro. Essa impossibilidade acarreta uma desconfiança, que faz com que os participantes se sintam ameaçados uns pelos outros. É esse sentimento de ameaça que caracteriza os conflitos que podem ocorrer entre entrevistador e entrevistado. Em alguns casos, o objetivo do entrevistador é exatamente o de “desmascarar” o entrevistado. Desse modo, as ameaças às faces são intencionais.

De acordo com Fávero e Andrade “entrevistador e entrevistado tem a tarefa de informar e convencer o público. Desempenham, portanto, um duplo papel na interação: são cúmplices, no que diz respeito à comunicação, e oponentes, quanto à conquista desse mesmo público.” Dessa forma, as entrevistas tendem ora para o contrato ora para a polêmica.

Em quaisquer tipos de entrevista, contratual ou polêmica, entrevistador e entrevistado buscam somente interagir com o destinatário desse jogo interacional que é a audiência, por isso os laços que os envolve são considerados frouxos, sejam eles cúmplices ou oponentes. (FÁVERO e ANDRADE, 2006, p. 157)

A entrevista jornalística configura-se em um espaço ambíguo, onde existe a cumplicidade e a polêmica. Espaço em que as face dos participantes são expostas e ameaçadas, já que o entrevistador-jornalista tem sua face sempre exposta e se não confrontar o entrevistado, terá sua imagem ameaçada como jornalista. Em contrapartida, se reatizar a ameaça também se expõe à reação por parte do entrevistado. Assim, a entrevista constitui-se, sem dúvida, em um excelente objeto de análise.

## **8. *Praticando a teoria***

Para pôr em prática a teoria, este artigo analisará trechos de uma entrevista realizada com o prefeito de Vitória, João Coser, intitulada “O metrô vai chegar antes do gargalo e do caos total no trânsito”, publicada no dia 23 de setembro de 2008, no caderno de política do jornal A Gazeta, que circula em todo o Estado do Espírito Santo.

João Coser, na época, era candidato à reeleição. Sua primeira campanha foi baseada na promessa de construção de um metrô de superfície, como não cumpriu essa promessa no primeiro mandato, renovou-a para a campanha de reeleição, prometendo construir o metrô no segundo mandato. A entrevista, basicamente, gira em torno dessa promessa. Mas, também, refere-se a outros tópicos, como erros em obras recentes, falta de segurança, iluminação, enfim, possíveis falhas administrativas. Desse modo, a entrevista tem um caráter polêmico, pois os entrevistadores têm a intenção de questionar o prefeito acerca dessas falhas, o que contribui para a realização de ameaças à face e de estratégias de salvamento.

Nos fragmentos, portanto, serão analisados à luz da noção de face, de Goffman (1980) e da Teoria da Polidez, de Brown e Levinson (1987) como se dá a interação entre entrevistador e entrevistado, verificando como acontecem os atos de ameaça às faces positiva e negativa na relação entrevistador-entrevistado e quais estratégias de polidez eles utilizam para salvar e preservar as suas faces.

**Fragmento 1:**

**EDUARDO CALIMAN** – Gostaria de falar sobre a segurança pública, que é um papel do Estado, mas envolve também as prefeituras. O senhor caminharia com tranquilidade, à noite, com sua filha, numa das áreas mais bonitas de Vitória, que vai da Praça dos Namorados até o shopping?

PREFEITO: Caminho naturalmente, porque eu corro, ando de bicicleta com meus filhos e circulo não só na Praia de Camburi, como na região de Jardim da Penha até a Praça do Papa. [...] A segurança é, com certeza, um dos grandes desafios de Vitória. [...] A nossa ideia é melhorar a segurança da cidade, com políticas sociais. [...] Esse é um desafio da humanidade, do Brasil. Mas eu circulo bem em Vitória, com tranquilidade.

Nesta pergunta o entrevistador, utiliza a questão da segurança para perguntar ao prefeito se ele caminharia com sua filha na área em questão, que, na pergunta, fica implícito tratar-se de um trecho inseguro. Desse modo, o entrevistador ameaça a face negativa do prefeito, pois ele elabora uma pergunta de cunho pessoal.

O prefeito tenta atenuar a ameaça, dizendo que caminha naturalmente e, logo em seguida, utiliza estratégias de polidez positiva, evitando discordar do entrevistador ao assumir que a segurança é um dos grandes desafios de Vitória e que precisa ser melhorada. No final da resposta ele atenua novamente a ameaça, reafirmando que caminha com tranquilidade em Vitória.

O prefeito responde rapidamente e inicia, a seguir, uma abordagem geral sobre o tópico “violência no mundo”. Assim, leva o interlocutor a se distanciar do tópico em foco e “caminhar” com ele pelo percurso de uma digressão, afastando, então, o perigo da quebra de face.

**Fragmento 2:**

**ANDRÉIA LOPES** – Gostaria de saber a opinião do senhor em relação às obras da Praia de Camburi e da Praça do Papa, que em alguns lugares apresentam rachaduras. Isso seria uma falha na administração?

PREFEITO - Temos dezenas de obras que estão sendo tocadas na cidade. Essas duas são as obras em vigor. No caso da Praia de Camburi e da Praça do Papa, todas as obras que nós contratamos por licitação, temos garantia da obra durante cinco anos. Tudo que você vir de problema na

Praia de Camburi [...] eles vão corrigir porque faz parte da garantia. [...]

A pergunta de Andréia Lopes acima é um ato de ameaça a face positiva do entrevistado, João Coser, uma vez que a entrevistadora mantém sua face positiva, utilizando estratégias de polidez (“Gostaria de..”, “Isso seria...”) para questionar o prefeito sobre problemas em obras públicas. Apresentando tais problemas a partir de exemplos concretos, o entrevistador aponta falhas na administração do próprio prefeito, colocando, por isso, em cheque o sua face positiva.

Como estratégia de atenuação de face positiva, o prefeito usou a polidez positiva, atestando o bom planejamento da sua obra a partir da garantia feita, assim não será a prefeitura quem vai pagar pelos erros no planejamento, mas sim a empresa que construiu.

O entrevistado não responde objetivamente a pergunta feita. Generaliza ao falar sobre obras em geral executadas pela Prefeitura e procura trazer o apoio da entrevistadora para o seu discurso, numa estratégia de envolvimento, tentando criar um ambiente de intimidade entre eles. Dirige-se diretamente à entrevistadora trazendo-a para dentro do discurso, numa tentativa de “se esconder”; estratégia de mudar de tópico para proteger a sua face. Depois, muda completamente de assunto, abandonando o tópico sugerido. É essa a estratégia de fuga dos assuntos polêmicos que podem ameaçar sua imagem pública de prefeito.

### **Fragmento 3:**

**ANDRÉIA LOPES- O senhor acredita mesmo que vai conseguir começar a construir o metrô de superfície, que volta à sua campanha na eleição? O senhor acha que vai conseguir colocar esse projeto em prática em um segundo mandato?**

**PREFEITO -** O nosso projeto de mobilidade urbana tem muitas ações. E uma delas é o metrô de superfície. Estou defendendo porque acredito ser o melhor sistema de transporte para a região Metropolitana. Nós não estamos só aguardando o metrô. Estamos fazendo a ampliação da Fernando Ferrari, que é fundamental para isso. [...]

Nessa pergunta, Lopes usou da polidez negativa, sendo pessimista quanto à proposta do prefeito (“o senhor acredita mesmo”, “o senhor acha”) para ameaçar a face positiva dele, o entrevistador apresenta certa dúvida em sua pergunta quanto à possibilidade de o prefeito cumprir a sua promessa de campanha. Essa dúvida quanto a

capacidade de o prefeito cumprir a sua promessa é uma ato de ameaça a face positiva.

Como estratégia de atenuação de face, o prefeito respondeu à questão proposta com indiretividade, colocando outras obras a frente da obra em questão (“o nosso projeto de mobilidade urbana tem muitas ações”), para estender o prazo de construção do metrô, que é o “carro chefe” de sua campanha.

Mais uma vez o entrevistado foge do tópico. Não responde diretamente a pergunta do entrevistador, exagerando em explicações, procurando dividir o problema com o governador do Estado. Apela para a emoção, ao tentar valorizar seus “feitos”, ao utilizar a frase “Isso é uma graça de Deus”.

Ao novo “ataque” do entrevistador, rebate a afirmação feita pelo entrevistador, negando a premissa e envolvendo-se em explicações, argumentando que “os outros” é que fizeram uma leitura errada da promessa. Se não representa uma mudança de tópico, representa, no entanto, uma digressão.

## **9. Considerações finais**

Nas análises foi possível observar que existe uma preocupação com o lado social da interação, pois os interactantes estão, a todo o momento, buscando negociar durante a conversação. Desse modo, a polidez torna-se fundamental para manter a harmonia das interações sociais através da preservação das faces.

As entrevistas, por se constituírem, nesse caso, em espaço de confronto, apresentam um equilíbrio muito frágil. Os entrevistadores estão a todo o momento ameaçando a face do entrevistado com o intuito de “desmascará-lo”. Para atenuar tais ameaças, o entrevistado utiliza estratégias de polidez e, algumas vezes, ameaça a face do entrevistador a fim de preservar a sua face e a sua liberdade.

Desse modo, as entrevistas constituem-se num verdadeiro campo de guerra, onde cada um quer a todo custo vencer. E para isso, é fundamental preservar suas faces e seu território.

Constata-se, ainda, que a fuga ao tópico em proeminência é uma estratégia de preservação de face, numa atitude defensiva. Ao fugir do assunto, o entrevistado distancia os interlocutores do problema que pode causar constrangimento e manchar a sua imagem pública.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira e FÁVEIRO, Leonor Lopes. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In: PRETI, Dino (Org.). *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. Projetos Paralelos – NURC/SP. 3. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

BROWN, Gillian & YULE, George. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge UnivPress, 1983.

BROWN, Penélope; LEVINSON, Stephen C. *Politeness some universals in language usage*. London: Cambridge, 1987.

COSER, João. O metrô vai chegar antes do gargalo e do caos total no trânsito. *A GAZETA*, Vitória, p. 17, 23 de setembro de 2008. Entrevista concedida à Eduardo Caliman, Andréia Lopes, Felipe Quintino e Wagner Barbosa.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais na interação social. In: FIGUEIRA, Sérgio Augusto (Org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1980, p. 76.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONISIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Raquel e BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 180.

KOCH, Ingedore V. Organização tópica da conversação. In: *A interação pela linguagem*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1992.

\_\_\_\_\_. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

\_\_\_\_\_. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LINS, Maria da Penha Pereira. *O tópico discursivo em textos de quadrinhos*. Vitória: EDUFES, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MAYNARD, Douglas. Placement of topic changes in conversation. *Semiotica*. 1980.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

MENTIS, Michelle. Topic mangement in the discourse of one normal and one head injured adult. Univ. of California. 1988.

TAVARES, Roseanne Rocha. A negociação da imagem na pragmática: por uma visão sociointeracionista da linguagem. Maceió: EDUFAL, 2007.